

MINI-GUIA DOS ENLUTADOS

Bikur Holim (Visita aso enfermos)

É uma mitzvah fazer visita às pessoas enfermas, independente da raça, cor ou credo das mesmas. A finalidade destas visitas é trazer-lhes conforto, ânimo e rezar pela sua recuperação. E na sinagoga, durante a leitura da Torah, deve-se fazer a reza de “Mi Shiberach Refuah Nefesh ” pela recuperação do paciente.

Uma reza individual também pode ser feita, principalmente nos dias que não haja leitura de Torah, e que se encontra no meio do parágrafo de “Refaenu Adonai Venerafê” das Amidot diárias de Shacharit, Mincha e Maariv, no livro Artscroll.

Preservação da Vida

A vida humana é preciosa, e sua preservação tem prioridade sobre qualquer outra consideração. Isto inclui a obrigação de refrear-se de qualquer coisa que pudesse apressar a morte de uma pessoa doente, não importante qual séria seja esta doença. Daí ,a eutanásia ser proibida em qualquer circunstância.

Todavia, se a morte está próxima, e o paciente está sofendo muito, é factível de se desistir de postergar a morte por meios artificiais.

E estando a morte inevitavelmente muito próxima, deve-se solicitar ao paciente dizer o “Vidui” (Confissão), mas procurando explicar ao paciente que ao dizer o “Vidui”, não significa que morte é iminente.

Abaixo, um forma reduzida do Vidui:

“Mode ani lefanecha adonai elohai velohei avotai veimotai sherfuati umitati beiadêcha. Iehi rasson milifanecha shetir-paeni refuá shelemá veim amut techê mitati chapará al kol chataim va-avonôt ufsha- shechatati veshe-aviti veshe-pashati lefanêcha veteêm chelki began eden vezakeni laolam habá hassafun la-tsadikim.”

Tradução: “Eterno meu Deus, Deus dos meus antepassados. Perante Ti eu confesso que na Tua mão somente está a minha cura ou minha morte. Que seja da Tua vontade concenter-me uma completa cura ou minha morte. Se a hora de meu desenlace for próxima, então que a minha morte seja um expiação para todos os meus pecados e transgressões, e por todo o mal que eu tenha cometido perante Ti e durante toda a minha vida. Faze com que o meu destino tenha parte na felicidade do Jardim do Eden, e que eu seja julgado digno da vida duradoura, que é o destinos dos justos.”

O paciente deve recitar, também, o “Shemá Israel Adonai Eloheinu Adonai Echád “.

Falecimento

Após o falecimento, algumas práticas, apesar de antigas, ainda possuem seguidores, como acender uma vela imediatamente após o falecimento, fechar os olhos da pessoa falecida, colocar o corpo no chão, esvaziar os recipientes que armazenam água na casa da pessoa falecida, etc.

Atualmente, desde que a maioria dos falecimentos ocorre em hospitais, alguns destes costumes não tem sido feitos

Existem outros costumes, entretanto, que são ainda significativos e que são observados, como o de não deixar sozinha a pessoa que está morrendo para que ela não se sinta abandonada nos seus últimos momentos. Desde que o corpo é o “domicílio” da alma, deve-se respeitá-lo e reverenciá-lo mesmo após a partida da alma.

Os princípios de Kevod Hamet (respeito ao morto) ganharam nova relevância, considerando o número de problemas correntes, como, autópsia, embalsamento, cremação, exumação, transplante de partes do corpo humano, e olhar o corpo antes do enterro.

Aninut

O período entre o falecimento e o enterro é chamado de “aninut”, e a pessoa enlutada é chamada de “onen”.

O “onen” está isento de realizar até o momento do enterro, todas as obrigações religiosas normais, tais como, fazer as rezas da manhã e da noite, e colocar tefilim.

Ao mesmo tempo, o “onen” deve-se abster de tomar vinho, comer carne e trajar roupas luxuosas.

O “onen” não é contado para efeito de minian.

Se o “onen” está num outra cidade diferente de onde se encontra a pessoa falecida, e existe(m) outro(s) parente(s) em estado de “onen” junto à pessoa falecida, a pessoa distante está desobrigada das leis de “onen”. Caso contrário, a pessoa distante deve obedecer às leis de “onen”.

Enquanto a pessoa falecida não for sepultada, o “onen” não precisa tirar os sapatos, e ele pode sair de casa para tratar do sepultamento.

Se porém, o período de “aninut” ocorrer num Shabat ou numa festa religiosa (Yom Tov), a pessoa enlutada não se torna, ainda, um “onen”. Então, ele pode comer carne, beber vinho, e deve fazer todas as mitzvot estabelecidas para o Shabat, exceto as obrigações conjugais. Mas não se pode ficar próximo a um corpo da pessoa falecida em Shabat ou Yom Tov, e não se deve removê-lo antes do fim destas datas

E apesar de ser Shabat ou Yom Tov, ele está proibido de estudar Torá . E não deve mostrar sinais muito claros de luto em público por ser Shabat. Se ele é um Chazan, ele não deve conduzir os serviços religiosos. Mas se não houver outra pessoa que possa conduzir os serviços, ele poderá fazê-lo.

E se a pessoa falecida for seu pai ou sua mãe, ele poderá dizer o “kadish” num lugar onde não existam outros enlutados. Mas se houver outra(s) pessoa(s) enlutada(s) no local, ele não deve dizer o “kadish” antes do enterro. E se ele já é um enlutado por seu pai ou sua mãe, ou for data de “yortzait” que lhe diga respeito, ele deverá dizer o kadish da mesma forma que os outros enlutados ou que estejam dizendo ‘Kadish” por motivo de Yortzait .

Próximo ao anoitecer , ele não deve rezar o Maariv/Arvit e nem fazer a Havdalá, mas dizer só o Shemá. Embora não tenha feito a Havdalá, ele poderá se alimentar. Após o enterro, ele deverá fazer a Havdalá com um copo de vinho, mas sem utilizar a vela nem as especiarias. E caso não seja feito o enterro no dia seguinte, esta havdalá poderá ser feita até a terça-feira.

Se o falecimento ocorrer ao anoitecer de sexta-feira, próximo ao horário da Minchá, e não for possível fazer o sepultamento antes do Shabat, o enlutado poderá rezar a Minchá de sexta-feira.

Se o falecimento ocorrer num primeiro dia de Yom Tov e houver uma obrigação judicial ou governamental de enterrá-lo naquele dia por uma pessoa não judia, o status de “onen” ocorre imediatamente após o enterro. E caso não seja feito o enterro no segundo dia de Yom Tov, fica estabelecido o status de “onen” a partir do final do segundo dia..

As leis de “aninut”, assim como todas as normas de luto, se aplicam aos sete tipos de parentes mais próximos do falecido, a saber: cônjuge, pai e mãe, filhos e filhas, irmãos e irmãs.

Mais detalhes sobre o “onen” podem ser obtidos no site do Kitzur Shulchan Aruch Linear Translation by Yona Newman abaixo:

<http://www.yonanewman.org/kizzur/kizzur196.html>

Autópsia

As rotinas de autópsia são proibidas porque elas violam o princípio de “Kevod Hamet” (respeito ao morto).

Uma autópsia poderia ser eventualmente tolerada, caso o médico declare que ela proporcionaria novos conhecimentos que ajudariam a curar outras pessoas que sofram com a mesma doença, ou não for possível deixar de fazê-la em decorrência de alguma ordem judicial.

Em ambos os casos, porém, deve-se ter certeza que todas as partes do corpo serão apropriadamente enterradas após a autópsia.

Cremação

A forma judaica de se fazer um “enterro” é colocar o corpo na terra. Daí a cremação ser proibida. Uma outra pergunta que surge é se as cinzas decorrentes da cremação podem ser enterradas num cemitério judaico. A maioria das congregações judaicas proíbe o enterro de cinzas em um cemitério judaico, porque isto encorajaria a prática da cremação.

Embalsamento

Os rabinos proibiram a prática de embalsamento porque ela envolve o “Nivul Hamet” (deshonra ao morto) e infringe o “Kevod Hamet” (respeito ao morto).

Atualmente, por razões sanitárias e por exigência da lei, às vezes é necessário embalsamar um corpo para evitar putrefação e mau odor. E isto se faz necessário, porque muitas vezes, o enterro não ocorre no mesmo dia do falecimento. E esta defasagem de tempo pode ocorrer por motivos de ter que enviar um corpo para uma grande distância, ou esperar a chegada de um parente próximo, ou, ainda, se este falecimento ocorrer em viagem marítima e se tenha que fazer o transporte até terra firme.

Deve-se notar, entretanto, que o único embalsamento permitido em tais casos, é aquele que deixa o corpo intacto.

Preparação para o enterro

Antes de ser enterrado, o corpo deve ser lavado, ou melhor ainda, purificado numa cerimônia chamada de “Tahorah”. Este serviço é feito usualmente por membros da “Chevra Kadisha”.

A “Tahorah” é acompanhada pela recitação de preces e salmos apropriados para a ocasião, sendo que em muitas comunidades sefaradis, enquanto é feita a “Tahorah” de homens, é recitado pelas pessoas que acompanham o enterro, o “Shir-há-Shirim” (Cântico dos Cânticos).

Todas as partes do corpo, desde a cabeça até os pés, são lavadas com água morna, incluindo os orifícios e os espaços entre os dedos das mãos e dos pés. O corpo deve ser revirado de lado a lado, a fim de que se tenha certeza que a água alcance cada parte, mas a face não deve ser colocada para baixo.

Se uma pessoa foi mutilada, e o sangue se espalhou nas suas roupas, ela deve ser enterrada sem ser feita a “Tahorah”, e com a mesma roupa que ela estava usando por ocasião do falecimento, sendo muitas vezes, envolvido em uma mortalha branca.

A tradição judaica proíbe de se vestir a pessoa falecida com roupas consideradas luxuosas, e determina o uso de “Tachrihin”, que é uma espécie de mortalha branca, tanto para o rico como para o pobre.

Além da mortalha, a pessoa deve ser enterrada com o seu Talit que ela usava regularmente em vida.

A finalidade do enterro é retornar o corpo à terra em conformidade com o verso “do pó vieste e ao pó voltarás”, conforme estabelecido em Genesis, Cap. 3 Vers.19.

Em muitas comunidades, o costume era não se usar um “caixão”, pois sem este, se aceleraria o processo de “se retornar ao pó”. Este costume ainda é utilizado por algumas pessoas, principalmente na comunidade sefaradi.

Mas na maioria das comunidades, atualmente, enterra-se dentro de um féretro, que possui uma pequena abertura na parte inferior, permitindo assim, um contato com a terra.

Da mesma forma que as mortalhas, a ostentação é desencorajada, e o féretro deve ser o mais simples possível.

A tradição proíbe de se ver o corpo após a sua morte, e de se conduzi-lo em um féretro aberto.

A prática recomendada é que um enterro não deve ser retardado. Se possível, deve ser feito no mesmo dia. Alguma demora poderá ocorrer por questões de se esperar a chegada de algum parente ou de se precisar de tempo para se prestar alguma homenagem à pessoa falecida.

O sepultamento

Existe, usualmente, um serviço a ser conduzido em casa (quando for o caso) e um serviço a ser conduzido no cemitério, fazendo-se neste, o “Tsiduq Hadin”, que é um prece pelo reconhecimento da justiça divina.

A forma geralmente seguida em casa, e na maioria das vezes, no cemitério, na liturgia askenazi, é recitar Salmos (Tehilim), ler alguma parte das escrituras sagradas, e fazer a reza de El Malê Rachamim. Algumas comunidades sefaradis fazem durante o velamento do falecido, além da leitura de Salmos, a leitura de Eicha (Lamentações), de Jeremias, que é normalmente lida em Tishá-be-Av.

É costume, também, se fazer uma fala, homenageando o falecido, antes do El Malê Rachamim.

Se a pessoa falecida era um líder espiritual ou um líder muito importante da comunidade, esta pessoa pode ser levada à sinagoga, onde são realizados os serviços do funeral.

Não se usam flores, a fim de que o sepultamento tenha o aspecto mais simples possível. As pessoas que queiram expressar sua simpatia à família enlutada de forma tangível, podem fazer donativos para a instituição de caridade preferida pelo(a) falecido(a) ou para a sinagoga que por ele(a) frequentada.

Costuma-se colocar, no féretro, um pouco de terra, debaixo e em cima do falecido. Esta terra deve ser, de preferência, de Eretz Israel, conforme estabelecido em Deuteronomio, Cap. 34 Vers. 43 :”E a terra fará expiação pelo seu povo”.

Costuma-se, também, colocar terra nos olhos da pessoa falecida, sendo que, em alguns casos, o próprio filho se encarrega de fazê-lo, considerando o estabelecido em Genesis, Cap. 46 Vers. 4, onde Hashem diz para Jacob “..e José porá sua mão sobre teus olhos.”

O corpo é colocado no féretro com o rosto para cima, e enterrado de forma que a cabeça esteja na direção oeste, ou seja, voltado para a nascente do sol..

Logo após o féretro ser colocado na sepultura, deve-se jogar 3 pás de terra e dizer as palavras do Salmo 78:38 :

לֹא יַעִיר כָּל חַמָּתוֹ: וְהִרְבָּה לְהַשִּׁיב אָפוֹ, יִכְפֹּר עֵוֹן וְלֹא יִשְׁחִית וְהוּא רַחוּם

Alguns acrescentam as seguintes palavras de Isaias 6:7:

וְחִטָּאתָהּ תִּכְפֹּר: וְסָר עֲוֹנֶךָ

Antes de sair do cemitério após o enterro, as pessoas devem lavar as mãos, pois segundo a Cabala, significa tirar o espírito impuro que existe no cemitério, além de ser uma medida de higiene.

Lavam-se as 2 mãos, do pulso às pontas dos dedos, 3 vezes alternadamente. Enche-se um vasilhame (caneca). Lava-se, primeiro, a mão direita e depois a mão esquerda. Ao final, jogue fora o resto d’água existente, e repouse o vasilhame, sem passá-lo às mãos de outra pessoa. Não enxugue as mãos. Deixe secá-las ao ar livre.

Após a lavagem, costuma-se pronunciar as palavras: “Iadenu ló shafchú et hadam hazê” (nossas mãos não derramaram este sangue – parashá Shoftim, Cap. 21 Vers. 7).

Este versículo era dito pelos anciãos de Israel que encontravam um morto no caminho e, após sepultá-lo, lavavam as mãos como sinal de que eles não foram responsáveis pela sua morte.

O costume de não se enxugar as mãos logo após serem lavadas, tem o sentido de não nos esquecermos imediatamente da pessoa falecida e dos enlutados.

Muitas pessoas recomendam aos familiares que sejam sepultados em Eretz Israel, devido ao conteúdo do Salmo 116 Vers. 9;” Andarei na presença do eterno na terra dos viventes”, e também, conforme algumas interpretações do Talmud, “na época em que haverá ressurreição dos mortos, aqueles que forem sepultados na terra santa, se levantarão primeiro”. E segundo o Zohar, a pessoa que é sepultada em Eretz Israel tem todos os pecados perdoados e recebe a proteção das asas da Shechiná, conforme estabelecido em Deuteronomio, Cap. 34 Vers.43.

Por isso, os rabinos permitiram transferir até os ossos de uma pessoa falecida, para serem sepultados em Eretz Israel.

Comparecer aos serviços do funeral e acompanhar o ferétreo à sua moradia final, são atos não só de respeito a pessoa falecida, mas também, de conforto aos enlutados.

Situação de Cohen

A Torah estabelece em Leviticus, Cap. 21 Vers 1-3, que o Cohen não deve se impurificar pelos mortos, isto é, fazer velamento e ir ao cemitério, exceto pelos seguintes parentes próximos: esposa, mãe, pai, filho, filha, irmão e irmã por parte de pai.

Os cohanim devem ser sepultados num lugar reservado no cemitério, para que, quando um cohen passar para sepultar um parente, não se impurifique andando pelas sepulturas de outros falecidos.

Keriáh

A keriák, ou rasgar parte da veste, é um antigo costume, conforme descrito em Genesis, parashá Vaieshev, Cap. 37 Vers. 34, quando os filhos de Jacob lhe deram a (falsa) notícia da morte de seu filho José: “E rasgou Jacob suas roupas, e pôs um saco na cintura, e enlutou-se por seu filho (José) muitos dias”. O rei David fez o mesmo, conforme Samuel II Cap. 13 Vers. 31.

A keriáh deve ser feita com um rasgo vertical, **somente** pelos sete tipos de parentes mais próximos, já referenciados em “Aninut”.

Para pai e mãe, se costuma fazer o rasgo do lado esquerdo (lado do coração) e no lado direito para os demais parentes.

Quem não fizer a keriáh no dia do sepultamento, poderá fazê-lo até os sete dias antes de acabar o luto (período de Shivá). Porém, para pai e mãe, a keriáh deve ser feita mesmo depois deste período.

Não se faz keriáh nos dias de Yom Tov (Hag) de Rosh Hashaná, Kipur, Shavuot, Pessach e Sucot. Nos dias festivos de Chol Hamoed, onde se faz sepultamento, existem comunidades que fazem keriáh e outras que só o fazem após o encerramento destes dias festivos.

Nos casos de demora de recebimento da morte de um parente, a keriáh por pai e mãe deve ser feita, independentemente do prazo decorrido do falecimento. Mas para os demais parentes, a keriáh não deve ser feita após os trinta primeiros dias de falecimento.

A keriáh pode ser feita com a utilização ou não de objeto cortante, e a roupa rasgada pode ser interna ou externa.

A pessoa que tiver feito a keriáh por um parente, e outro parente falece dentro dos sete dias de luto, deve fazer um aumento na mesma rasgadura. E se outro parente falece dentro deste mesmo período de sete dias, aumenta-se, mais ainda, a rasgadura feita.

A keriáh aos enlutados pode ser feita por um oficiante ou por outra pessoa.

Ao ser feita a keriáh, recita-se a seguinte berachá.: “Baruch Atá Adonai Eloheinu Melech haolam daián haemêt. Daian emet shofêet tsêdek ve-emet baruch daian há-emet ki chol mishpatav Tsedek ve-emet.” (Benditos seja Tu, eterno, nosso Deus Rei do universo, que és juiz de verdade. Juiz da verdade, a Sua sentença é justa e leal, bendito seja o juiz da verdade porque os Seus juízos são justos e verdadeiro).

A keriáh pode ser feita em casa, logo após se retornar do sepultamento, ou, como tem sido mais comum atualmente, se fazer no cemitério, normalmente, logo após o sepultamento.

Shivah

Os sete dias de luto que se inicia imediatamente após o enterro, e observado pelos sete tipos de parentes citados em Aninut, é chamado de Shiva. E o enlutado neste período é chamado de AVEL. O término da Shiva ocorre logo após a reza da manhã (Shacharit) do sétimo dia.

Costuma-se cobrir os espelhos na casa em que se observa a Shiva, pois o espelho é um símbolo da vaidade humana, não se coadunando numa casa recém enlutada.

Como a luz é um símbolo da alma, deve-se manter uma vela ou lamparina acesa durante todo o período de Shiva.

Uma refeição é feita pelos enlutados imediatamente após o retorno do cemitério, refeição esta chamada de Seudat Havra-ah. Esta refeição inclui, normalmente, alimentos de forma arredondada como ovos ou lentilha, sendo o ovo considerado um símbolo de vida e esperança.

Atualmente, principalmente na comunidade sefardi, esta “refeição” de pão com ovo tem sido realizada no próprio cemitério, logo após a keriá que se segue ao enterro.

Durante o período de Shiva, os enlutados devem sentar-se, em casa, em assentos mais baixo, ou mesmo no chão, ou em almofadas colocadas no chão, como é o costume sefardi, como um sinal de luto.

Se possível, os enlutados devem permanecer em casa durante os sete dias de Shiva, e as rezas da manhã (Shacharit), tarde (Minchá) e noite (Maariv ou Arvit) realizadas na casa onde a Shiva está sendo observada. A casa escolhida para a Shiva deve ser, preferencialmente, a casa da pessoa falecida.

Ao final da reza de Minchá, costuma-se fazer diariamente na casa do Avel, um estudo da Mishná, normalmente lendo-se capítulos do Pirket Avot (Ética dos Pais), seguido de um Kadish de Rabanan.

Atualmente, muitos enlutados tem preferido comparecer à sinagoga diariamente, durante o período de Shiva, para acompanhamento dos serviços religiosos e dizer o Kadish. Enquanto os enlutados askenazim recitam apenas Kadish Yatom, os sefardi recitam todos os outros Kadish, exceto o Kadish Titkabel (bal).

Os enlutados, em período de Shiva, devem ficar, preferencialmente, sentados em um local separado das demais pessoas.

A reza de Tahanun é omitida nas casas onde se realiza a Shiva, e não deve ser pronunciada pelos enlutados que comparecem à sinagoga naquele período. As palavras “Rachum Ve-chanun Chatati” (clemente e misericordioso pequei) contidas na oração de Tahanun, poderia fazer com que os enlutados se sentissem culpados, em vez de estarem recebendo conforto nessa ocasião.

O início do Salmo 20, “Uvah Le-tzion” é omitido, pois o seu conteúdo e tom não são apropriados para uma casa enlutada, começando direto em “Atah Kadosh.

Na repetição da Amidá, não se pronuncia o Birkat Cohanim, antes do “Sim Shalom”, numa casa em período de Shiva. E o Hallel, normalmente, não deve ser lido numa casa em Shiva.

Ao final do serviço numa casa em Shiva, deve ser recitado o Salmo 49, tanto em Shacharit (manhã) quanto em Maariv (noite). Mas este Salmo não deve ser recitado na sinagoga.

Este Salmo 49 pode também ser substituído pelo Salmo 16_Mirtam Lê-David.

No início do Maariv/Arvit, NÃO recitar o parágrafo “Vê hu Rachum iehaper avon vê-lo iashchit..”, indo direto para o Barechu.

Na casa do enlutado, em período de shivá, no sábado à noite, após a Amida de Maariv/Arvit, não se costuma recitar “Vihi Noam” e nem o Salmo 91 (“Yoshev Besseter Elyion), apenas a última frase “Orech Yamim Yashbierro”. Depois fala-se “Veata Kadosh”. (Ver Matzliah pág. 170, 350)

E na casa em Shivá, ao se fazer a Havdalah, o “avel” não deve dizer a bênção dos “bessamim” em Motsaé Shabat (Ver Matzliah pág. 350). Apesar do “Tshliat Tzibur” que não está em Shivá poder fazer a bênção dos “Bessamim” e não dar para aos “avelim” para cheirar (Ver Matzliah pág 497), alguns costumam omitir esta bênção.

E na Havdalah, não falar Hinê el ieshuati. Falar, sem cantar, as berachot : Peri Haguefen, Bimei Bessamim sem dar as especiarias para o avel cheirar, Meorei Haesh e Hamavdil. E mais nada. Apagar a vela no cálice de vinho.

Os enlutados em período de Shiva não devem aceitar nenhuma aliah, nem funcionar como Sheliach Tzibur na sinagoga, exceto se o enlutado o fizer profissionalmente.

As observâncias do luto são suspensas no Shabat, apesar do Shabat contar como um dos sete dias de Shiva.

Durante o período de Shiva, as pessoas enlutadas não devem, pelo menos quando estiverem em casa, usar sapatos de couro, pois este tipo de calçado foi considerado como um artigo luxuoso. Devem vestir, enquanto estiverem em casa, apenas meias.

Banhos e higiene pessoal devem ser realizadas, mas não como forma de prazer.

O enlutado, se possível, não deve cortar cabelo ou se barbear durante o período de luto que vai até o Shloshim (trigésimo dia de luto). As relações conjugais são proibidas pelos enlutados em período de Shiva.

Quando o Avel comparece aos serviços religiosos na sinagoga, o Sheliach Tzibur costuma recitar, diariamente, as seguintes palavras ao final da reza "Tehi Nismatô(á)-nome da pessoa falecida- Tserurá Bis-rôr Hahaim" (que a alma do Sr.(a) seja vinculada ao círculo da vida).

No costume sefaradi, após as rezas de Shacharit (manhã) e Maariv (noite), costuma-se fazer uma Haskavá (reza em memória da pessoa falecida) durante todo o período de Shiva.

No sétimo dia após o enterro, deve-se proceder à saída de Shiva. Esta "saída" é feita após o término da reza da manhã, podendo-se fazer um pequeno estudo da mishná, seguido de um Kadish de Rabanam recitado pelos parentes muito próximos do falecido - pai, mãe, filho(a), irmão(ã).

Antes de recitar o Kadish de Rabanan, pronuncia-se um pequeno trecho do Pirket Avot, que se encontra na página 548 do Artscroll, que diz:

"Ribi Hananyá ben Akashya omêr. Rassá hakadosh baruch hú lezacôt et Israel. Lefihar Rirbá lahêm Torá umizvôt. Shene-emar adonai rafês lema-an sidkô iagdil torá ve-ia-adir"

"Rabi Hananyá, filho de Akashya, diz que o Único Santo, bendito seja Êle, sendo condescendente em tornar Israel digno, acrescentou-lhe uma Lei com muitos preceitos, conforme foi dito: "O Eterno, sendo condescendente por amor da Sua justiça, engrandeceu a Torá e a tornou gloriosa."

Após o Kadish de Rabanam, os enlutados devem se sentar ainda num local separado dos demais, e quem estiver conduzindo o serviço de saída de shiva se situará, em pé, em frente aos enlutados, e pronunciará a seguinte oração em hebraico:

"CHAMAKOM IENACHÊM ETCHÊM BETÔR SHEAR AVLEI SION VIRUSHALAIM"

e em seguida falará em português a tradução:

"QUE O ETERNO LHES CONCEDA CONSOLO EM MEIO AOS ENLUTADOS DE SION E YERUSHALAIM"

Após isto, o condutor do serviço dá as duas mãos para cada enlutado, fazendo-os levantar, formalizando, assim, a saída da Shivá, ou seja, o fim do luto de 7 dias.

Quando o enterro ocorrer num Domingo, a saída de Shiva ocorrerá na Sexta-feira, na parte da tarde, após a reza de Minchá, caso a Shivá esteja sendo realizada em casa.

Durante o período de Shivá, a pessoa enlutada não deve fazer nenhuma aliá. Os sefaradim costumam fazer uma aliá de Torah logo após a saída da Shivá. Mas os askenazim só costumam fazer aliá após o Shloshim (30º. Dia de falecimento).

Quem fizer as rezas durante a Shivá na sinagoga, faz a saída da Shiva após o Shacharit na sinagoga. E neste caso de enterro no domingo, a saída de Shivá na sexta-feira não permite, ainda, que a pessoa faça qualquer aliá no Shabat.

Quando antes do término do período de Shivá, ocorrer algum Yom Tov (Hag), como Pessach, Shavuot, Rosh Hashaná, Kipur ou Sucot-Semini Atzeret, a Shivá termina no Erev Hag (véspera do Hag), à tarde, após a Minchá, mesmo não tendo transcorridos os 7 dias. Isto também se aplica, mesmo quando o enterro ocorrer momentos antes do Erev Yom Tov (véspera do Hag).

Caso o falecimento ocorra durante algum dia de Yom Tov (Hag), o Avel deve conservar a Shivá depois do Chag, sendo considerados o(s) dia(s) de Hag como um dia de Shiva. **Isto, porque o segundo dia de Hag só existe na diáspora, mas não em Israel**

E caso o falecimento ocorra num dia de festa intermediário (Chol Hamoed), **apesar do sepultamento ocorrer num dia intermediário, o período de Shiva só se inicia na noite que termina a festa (após o Chag). E dependendo do costume, o avel poderá recitar ou não o Kadish enquanto não iniciar o período de Shivá. E conforme explicado acima, este dia de início de Shivá é contado como segundo dia de Shivá.**

Caso o falecimento ocorra em Chol Hamoed, por ex., de Sucot, e o último dia deste período de festas, neste caso Simchat Torah, for uma sexta-feira, a Shivá só se iniciará no sábado à noite, e aí contando como terceiro dia de Shivá.

É bom lembrar que para efeito de Shivá, Purim NÃO é considerado como HAG, recomendando-se, se possível, que o Avel também ouça a Meguilá.

Quando o falecimento ocorrer em dia de Shabat ou de Yom Tov (Hag), o enterro só poderá ocorrer no Domingo (caso de Shabat) ou à tarde, (depois das 16h), do último dia de Yom Tov (Hag). É importante notar que, apesar de não ser um costume, não há nada que impeça a realização de sepultamentos à noite.

Se a notícia de um falecimento chegar a aqueles que devem observar o luto num período inferior a 30 (trinta) dias da data de falecimento, todos os procedimentos devem ser seguidos, conforme relatados, a partir do momento que a notícia é recebida.

Mas se a notícia de falecimento chegar após os 30 dias do ocorrido, o enlutado deve observar apenas uma hora de luto, na qual não deverá usar sapato de couro e sentar num assento bem baixo ou no chão, estando liberado de todas as outras observâncias, com exceção apenas da keriah e se a pessoa falecida for pai ou mãe. Para pai e mãe deve-se fazer a keriah independentemente do tempo que o falecimento ocorreu.

Hallel em casa onde se realiza Shivá

Quando ocorrer o período de Shivá durante Rosh Chodesh ou Chanuká, existem dúvidas com relação à citação ou não do Hallel na casa do enlutado.

Como o Hallel inclui sentimentos que poderiam ser considerados como não adequados para quem se encontra em período de Shivá, algumas autoridades não recomendam a sua recitação na casa do enlutado.

Uma alternativa seria as pessoas que se encontram em período de Shiva se retirarem daquele recinto durante o Hallel, e retornando ao final da sua recitação.

Algumas outras autoridades dizem que o Hallel deve ser recitado na casa do enlutado, com todos presentes. Ver Isac Klein pág 288.

HASKARAH DE SETE DIAS

É costume se fazer uma cerimônia marcando o sétimo dia de falecimento. Esta cerimônia pode ser realizada na noite do 6º. dia de Shivá (costume mais comum entre os sefaradim) ou na manhã do sétimo, antes da saída da Shivá (mais comum entre os askenazim).

Shloshim

Shloshim é o trigésimo dia após o enterro (e não a data de falecimento), marcado normalmente por um estudo da Mishná, da mesma forma como se procedeu durante a Shiva.

Da mesma forma que ocorre no período de Shiva, um festa de Yom Tov (Hag) também antecipa o período de Shloshim.

Caso a Shivá seja cortada pelo Yom Tov de Sukot, o Shloshim não deverá ser cortado na véspera de Shemini Atzeret, pois esta véspera será Hoshaná Rabá, e não se deve fazer cerimônia nesta noite, pois ela é dedicada a ficarmos a noite inteira acordados pois é considerada a última oportunidade para que o édito dos nossos destinos possa ser alterado. Faz-se, então, o Shloshim no dia anterior à Hoshaná Rabá.

Uma maneira prática de se guardar o dia do Shloshim, caso esta cerimônia se realize à noite, é só considerar o mesmo dia do enterro, quatro semanas depois. Por ex., uma pessoa enterrada num dia 2 (durante o dia) , a noite deste dia 2 já se conta como o segundo dia de falecimento. Logo, a noite do dia 30 (que é exatamente o mesmo dia da semana, quatro semanas depois) já é o trigésimo dia de falecimento.

Kadish

Os enlutados pela perda de pai ou mãe devem dizer Kadish diariamente, em todos os serviços públicos religiosos e na presença mínima de dez pessoas (Minian), pela manhã (Shacharit), tarde (Minchá) e noite (Maariv), durante onze meses após o falecimento.

Originalmente, o Kadish era recitado durante doze meses, pois este era o tempo considerado que a lembrança da pessoa falecida permanecia bem viva na memória do enlutado.

Como doze meses era, também, considerado como o período máximo que a “corte celestial” exigia para que a alma da pessoa falecida fosse elevada, dizendo-se Kadish por doze meses poderia ser interpretado como uma ratificação de que a pessoa falecida precisou do tempo máximo. Daí, o período para se dizer Kadish foi reduzido para onze meses, mesmo em anos bissextos (com 13 meses).

No 12º. Mês o costume askenazi é de não dizer Kadish, voltando a dizê-lo na semana do Yorzait.

Um costume sefaradi é dizer durante as 3 primeiras semanas do 12º. mês apenas o Kadish de Rabanan (Al Israel). E na semana do Yorzait, volta a dizer todos os Kadishim.

Em anos com 13 meses (bissextos), fala-se o Kadish por onze meses, não diz nenhum Kadish no 12º. mês, e volta a dizer no 13º. mês, que é o mês do Yorzait. Neste caso, o costume askenazi é dizer o Kadish na semana do Yorzait, e algumas comunidades sefaraditas, dizem só o Kadish de Rabanan nas 3 primeiras semanas, e voltam a fazer na quarta semana Kadish completo.

Ao recitar o Kadish, o enlutado ratifica a justiça divina e a importância da vida.

Yorzait

O Yorzait corresponde ao aniversário de falecimento, e não do enterro. Existem opiniões divergentes sobre o aniversário do primeiro ano, se seria considerado a data do falecimento ou do sepultamento. A fim de se evitar confusão neste aspecto, muitos recomendam que a data do Yorzait seja sempre, mesmo no primeiro ano, a data do falecimento.

No dia do Yorzait, é costume que os filhos da pessoa falecida compareça a todos os serviços, começando com o Maariv da noite anterior, ao Shacharit do dia seguinte, e terminando com o serviço de Minchá, e recitem cada Kadish Yatom (dos enlutados).

O costume sefaradi é que o “período” de Yorzait comece no serviço de Maariv do Kabbalat Shabat imediatamente anterior ao dia efetivo de falecimento, e termine no serviço de Minchá do dia de falecimento, sendo o Kadish recitado em todos os serviços durante aquele período.

Costuma-se, também, acender uma vela ou lamparina no dia do Yorzait , antes do serviço de Maariv, e deixá-la durante todo o dia seguinte.

Se uma pessoa esquecer de observar o Yorzait e não disser Kadish, poderá dizê-lo quando lembrá-lo.

E se não se souber a data exata do falecimento, deve-se escolher uma data, e partir desta data, deixá-la para sempre como data de Yorzait.

Yortzait em Adar

Se a data do Yortzait ocorrer num mês de Adar, o Yortzait é considerado, em anos bissextos (anos que tenham Adar I e II), durante o mês de Adar II (dois). E se o falecimento ocorreu em qualquer dos dois meses de Adar em um ano bissexto, o Yortzait, em cada um dos anos bissextos subsequentes, deve ser observado no mesmo mês de Adar (I ou II) que o falecimento ocorreu.

Yortzait em Rosh Chodesh

Se o falecimento ocorrer no primeiro dia de Rosh Chodesh quando Rosh Chodesh tiver dois dias, e o primeiro aniversário do falecimento for num ano quando Rosh Chodesh só tiver um dia, O Yortzait deve ser fixado permanentemente no dia 29 do mês precedente.

Se entretanto, o primeiro aniversário de falecimento também ocorrer quando Rosh Chodesh tiver dois dias, a data de Yortzait deve ser fixada para sempre em Rosh Chodesh, no primeiro dia quando Rosh Chodesh tiver dois dias, a fim de se evitar confusão.

A Matzeivah – Monumento Tumular

O uso de um monumento tumular- Matzeivah é um costume datado dos tempos bíblicos, e sua finalidade é manter viva a memória da pessoa falecida, além de identificar a sepultura.

A prática mais usual é colocá-la não antes do que um ano após o falecimento, visto que colocando-a mais cedo, poderia haver uma suposta indicação de que a memória da pessoa falecida está enfraquecida e são necessários meios artificiais para lembrá-la.

Normalmente consta na matzeivah o nome da pessoa falecida, nome do(s) pai(s) e a data de falecimento, tanto em hebraico quanto em português.

Constam, também, as letras hebraicas “Tet”, “Nun”, “Tsedek”, “Beit” e “Hei”, que são a abreviatura da frase “Tehi Nishmatô(á) Serurah Bissrô Hahaim” (Que a sua alma seja vinculada ao círculo da vida). Algumas outras breves inscrições, em português, enaltecendo atos da pessoa falecida também tem sido utilizadas.

A “descoberta da Matzeivah”, que é simplesmente a inauguração da pedra tumular, e ocorriam, antigamente, normalmente doze meses após o falecimento. Mas atualmente, muitos tem feito a descoberta da Matzevá, num período muito menor, de alguns meses após o sepultamento.

Enquanto não existe nenhuma base tradicional de que esta prática era feita em tempos anteriores, exceto o costume de se visitar a sepultura no dia de Yortzait, esta atividade tem sido bastante aceita e difundida nos tempos atuais. Tem sido, também, uma oportunidade adicional para um oficiante render tributos à pessoa falecida, além de se falar sobre o significado da vida e da morte.

É bom lembrar, que a descoberta da Matzevá, é um costume exclusivamente askenazi, mas que alguns sefaradim passaram também a adotar.

Exumação

A exumação só deve ser realizada em caso muito excepcionais, como por exemplo:

- a) Transferir para uma sepultura em Israel
- b) Se a sepultura não for um local seguro que evite a aproximação de animais, vândalos ou infiltrações d’água ou esgoto
- c) Transferir de um cemitério não-judeu para um judeu.
- d) Sepultura for considerada provisória.

Visita ao Cemitério

Existem vários costumes com relação à visita ao cemitério. Os sefaradis costumam visitar o túmulo logo após o final do período de Shiva, após o Shloshim (trigésimo dia de falecimento), e em todos os anos, no dia do Yortzait. Os askenazim costumam visitar só após o Shloshim.

Costuma-se também visitar os entes queridos falecidos durante o mês de Elul, principalmente às vésperas de Rosh Hashaná, e os sefaradim, principalmente, na manhã da véspera de Yom Kipur.

Não se fazem visita ao cemitério em Shabat e em dias de Yom Tov (Hag), e não se deve também fazer visita em dias de Rosh Chodesh, de Yom Kipur até o fim do mês de Tishrei, em dias de Chol Hamoed, em Purim e Shushan Purim, durante todos os 8 dias de Chanuká, em Tu-Bishvat, em Pessach Sheni, durante o mês de Nissam, em Lag Ba-omer, de Rosh Chodesh Sivan até um dia após Shavuot, em 9 Av (Tishá be-Av) e em 15 de Av (Tu-be-Av).

Visitas frequentes ao cemitério devem ser desencorajadas.

Z ‘ L - Zichrono (para homem e Zichrona para mulher) Livrachá

Ao se referir a pessoas falecidas, costuma-se usar a expressão Zichrono (para homens e Zichrona para mulheres) Livrachá, ou seja, de memória abençoada.

Pode-se usar , também, a expressão considerada mais simples que é Alov (homem ou Aleha –mulher) HaShalom (A" H) – que a paz esteja com ele(a).

Para pessoas mais graduadas, pode-se usar também, as expressões Z"TZL (zecher tzadik livracha- de abençoada memória e uma pessoa justa) ou Z'TZVKL (Zecher Tzadik V'kadosh livrachá – de abençoada memória, pessoa justa e de caráter santificado).

Observações Gerais

È costume dar nomes aos filhos de parentes falecidos, principalmente dos avós. Em muitas comunidade sefaradim, os nomes dos avós são dados aos recém-nascidos, mesmo quando os avós são vivos.

Se for necessário enviar um corpo de uma pessoa falecida para um local distante para ser enterrado, o período de Shiva começa quando os enlutados se separarem do féretro. Assim, quando o féretro for colocado num avião ou navio, os enlutados começam o período de Shiva quando deixarem o avião ou o navio. E se parte da família acompanha o féretro e outra não, o começo do período de Shiva é definido pelaas ações do lider ou mais importante membro da família. Se ele acompanhar o féretro, a Shiva começa após o enterro. Se ele ficar, começa quando ele se separa do féretro.

Se uma pessoa for informada do falecimento por telefone, e-mail, etc., e for informada também da hora do enterro, o seu luto começa após o enterro, da mesma forma do que aqueles que estão presentes ao sepultamento.

Se o sepultamento for adiado devido a alguma emergência, como por exemplo, cidade sitiada ou greve de coveiros, e o corpo ficar armazenado até que a emergência cesse, o período de Shiva começa quando o féretro for fechado.

O Kadish diferenciado que é dito no enterro, caso ocorra em dia de Chol Chamoed ou festas menores como Purim e Chanuká, ou num dia em que não se recita Tachanun, ou ainda, se ocorrer numa sexta-feira ou véspera de um dia de Festas, à tarde (depois do meio-dia), é substituído pelo Kadish dos enlutados.

E caso o enterro ocorra em todas as ocasiões citadas no parágrafo anterior, a refeição do pão com ovo não é realizada.